

REFLEXÕES (IM)PERTINENTES SOBRE FORMAÇÃO HUMANA NA EXPERIÊNCIA DOCENTE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Luis Lucas Dantas da Silva, Assis Leão da Silva e Christianne Torres de Paivae

IFPE

lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br - assis.leao@vitoria.ifpe.edu.br -

christianne.torres@vitoria.ifpe.edu.br

RESUMO

O presente texto busca elucidar a partir de experiências docentes a concepção de relação bem como o modo de efetivação da mesma entre o processo de formação humana e a educação profissional. Apoiando-se em um marco teórico que visa a compreensão da formação humana como moralidade, construção da identidade e até mesmo concebendo o processo educativo como espiritualidade (no tocante a construção de um sentido para o próprio ato de educar), tais reflexões tendem a fundamentar a realização da educação profissional em seu caráter intrínseco com a integralidade que compõe o complexo processo de formação humana. Num primeiro momento as reflexões visam contextualizar o leitor da conjuntura histórico-social que caracteriza e interfere de modo direto a concepção de formação humana. Posteriormente o texto apresenta um olhar dos fundamentos caracterizadores da experiência docente na educação profissional no processo de formação humana. Por fim, o presente ensaio não enfatiza uma conclusão, mas apresenta uma reflexão preliminar como convite persistente para a construção de sentido entre as categorias elucidadas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Humana. Educação Profissional. Experiência Docente..

REFLEXÕES (IM)PERTINENTES SOBRE FORMAÇÃO HUMANA NA EXPERIÊNCIA DOCENTE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

1. UMA REFLEXÃO SOBRE A CONJUNTURA HISTÓRICO-SOCIAL

O processo de formação humana não deve está restrito à formação acadêmica de igual maneira que a educação (nos seus parâmetros e diretrizes) não pode está dissociada da vida. Percebe-se que há um equívoco conceitual e até mesmo intencional quando se propõe uma formação voltada para o humano na sociedade vigente. A ideia de formação está sempre relacionada a atividades que são apresentadas como meios totalizantes de um processo, embora estas sejam meios parciais para o mesmo. Como se não fosse o bastante, a escola assume o *locus* privilegiado por onde a ideia de formação humana deve acontecer e ela também assume a incumbência de apresentar ao indivíduo a ideia de dever, sempre apresentada paralelamente à ideia de direitos.

O indivíduo por sua vez, aprende apenas na obediência e no cumprimento, desde cedo, das regras estabelecidas pela sociedade e pela própria escola, mas não possui estímulo e oportunidade de refletir e de se pensar no por que age de tal forma ou se quer da importância de tais deveres existirem e, principalmente, porque e como existe o processo de formação humana. Nesse contexto, liberdade nada mais é senão a realização das vontades, dos próprios desejos. Ser livre é também sinônimo de atingir a idade civil que garante o status de maioridade e com isso pressupõe uma educação que vise à formação profissional. Certamente como pressuposto de já ter adquirido maturidade para tomar decisões por si mesmo, o que no senso comum apresenta-se de forma equivocada como modo de se pensar tanto a condição da liberdade como a condição de maioridade, fundamentos, inclusive cronológico, no amplo processo de educação profissional que, em sua diretriz, ou mesmo em sua atuação pragmática, plasmam a vida do sujeito e a história política-cultural de uma sociedade. Ao considerar educação e cidadania e de tal modo enfatizar na realidade histórico-social a influência direta da política, assim exorta Neves (2009, p. 29) em sua concepção de educação:

“A educação cumpre uma dupla função: firmar o vínculo político e manter vínculos sociais apesar dos conflitos de classes. Ela educa para a cidadania e moraliza o povo pobre pela educação. Portanto, existe permanentemente o risco de confundir os dois tipos de vínculos, as duas funções e de justificar esta por argumentos referentes àquela: ao nome de cidadania, tenta-se moralizar o povo pela educação, ou seja, “apaziguar o tolo”. (...) Em uma sociedade na qual se dá como prioridade o desenvolvimento socioeconômico, a própria natureza do vínculo social muda”.

Quer seja na obediência, quer seja no cumprimento de leis, o respeito a tal processo ou o mero cumprimento do mesmo se torna um elemento singular no processo de formação, pois ora é evidenciado como pertinente e ora se torna uma mera maquiagem diante do sentimento de culpa e de medo que pode

fundamentar as ações humanas, caso algum indivíduo deixe de vivenciar em sua formação humana a vivência da educação profissional. Um sujeito que menospreze a educação profissional está fadado ao fracasso social e humano, torna-se marginalizado, se considerarmos a cultura capitalista em sua forte e real influência na cultura escolar.

Considerando a conjuntura anunciada, é preciso refletir na busca de um discernimento sobre o que este de fato é e qual o papel da educação profissional no processo de formação humana e na construção do espaço social. Daí observa-se que existe uma carência de reflexão e de sentido que não somente permeia o espaço escolar e deixa lacunas em seu processo, como pode marcar negativamente a própria vida humana.

2. UMA REFLEXÃO DOS FUNDAMENTOS CARACTERIZADORES DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA

A formação humana, e em seu caráter implícito o viés da educação profissional enquanto questão pedagógica, é uma problemática que apesar de permear o curso histórico da humanidade, nunca deixa de ser atual. Com o projeto do esclarecimento e suas respectivas demandas de instrução e competências para a produção social, a escola se encontra, quase que completamente, impossibilitada de cumprir suas promessas de formação humana integral e de integração social. Há outros elementos e rumos a se considerar no processo educativo e humano, por excelência, como a esfera da espiritualidade (se concebermos este elemento como sinônimo de sentido de um ato intencional).

O processo de formação é complexo e contínuo. A formação, que para nós é o principal ponto de uma intencionalidade educativa, em Kant, por exemplo, pode ser encontrada no sujeito como uma situação de reconhecimento de sua autonomia que, por sua vez, se evidencia pela: autonomia da vontade (onde o sujeito é capaz de estabelecer relação de equilíbrio racional entre as paixões e emoções), autonomia física (momento em que pode dirigir seu próprio corpo de um modo saudável consigo mesmo e com o mundo natural) e autonomia intelectual (ponto de partida e retorno de todo o processo formativo).

Assim, tanto a liberdade como o dever coexistem numa intenção “kantiana” de se pensar a formação do ser humano. Pensa-se a formação humana em Kant como formação moral caracterizada principalmente pelo reconhecimento do homem como fim em si mesmo. Diante disso, o processo de educação profissional não está alheio, nem tão pouco ausente, uma vez que educação profissional também visa à integralidade da formação humana hodierna. Desde

muito pequenos ao chegar na escola aprende-se inicialmente regras de boa convivência, anualmente traça-se metas e convenções que norteiam as ações e a dinâmica daquele espaço. À medida que não precisa-se mais dos adultos para realizar tais atribuições, para atribuir cuidado e tutelações, além de estabelecer convenções, acredita-se que se é livre e aos poucos se constrói a autonomia como sinônimo da simples independência.

Parte da história educativa – formal e informal – perpassa por este discurso e não assume simplesmente a dimensão de um discurso, mas torna-se uma prática existencial. Acredita-se que se forma bem e “integralmente” por regras bem incorporadas, diversos componentes curriculares, extensos horários de permanência na escola, especificamente na sala de aula e pronto: eis o ser formado! Parece ser estas as ações pragmáticas da escola que visa construir e ser modelo social de uma educação profissional.

É preciso reconhecer que Kant diverge de uma formação na qual concebe-se na contemporaneidade do senso comum como “holística” e onde anteriormente teve início esta análise crítica. Enquanto na época vigente a formação holística – no sentido de formar integralmente o indivíduo – é permeada por vivências curriculares envolvendo além de componentes curriculares técnicos as ciências humanas; ciências da natureza: matemática e suas tecnologias; ciências da linguagem; ainda: educação física e esportes, juntamente com atividades artístico-culturais, essa concepção embora forneça habilidades específicas, não abrange a formação moral do indivíduo como componente específico e estratégia educacional, enquanto intenção da prática educativa.

Por isso, mais uma vez aponta-se que a partir de Kant pode-se pensar questionamentos aos modelos de formação humana norteados por políticas educacionais com pouca fundamentação moral. Chama a atenção para a concepção de formação, no contexto alemão concebido como *Bildung* (Cf. FREITAG, 2001, p. 19-20) que engloba as estratégias pedagógicas já mencionadas, porém, não se restringe às mesmas nem tão pouco se oferece uma reflexão sobre o sentimento moral de respeito à própria formação humana, que está ligado não somente a um respeito e valorização de um modelo educacional enquanto política pública, mas ao indivíduo enquanto fim em si mesmo.

A realização de uma concepção profissional que expõe a importância da filosofia humanística no tocante ao processo pedagógico de formação e da integralidade que compõe tal formação, como também que dê conta de sua compreensão sobre a pluralidade que permeia o indivíduo humano, sobretudo, ao considerar a espiritualidade (sentido) como elemento constitutivo de formação, justifica-se e ganha ênfase no fato de existir nele uma singular preocupação essencial e prática com a autenticidade da relação humana já que

esta é a maneira pela qual se pode acessar a plena realização do humano. Afinal, educar é formar o ser humano para relação autêntica. Educar, pode-se assim pensar, é um exercício contínuo de revisitação de si, do outro, dos valores que permeiam as relações.

Ao passo que se reconhece a necessidade e a importância do exercício reflexivo de formação, não se propicia espaços de concretude em prol do êxito e da real efetivação deste exercício. Daí torna-se intrínseco e justifica-se pensar a relação entre educação profissional e formação humana. A sociedade vigente aparenta não mais está preocupada em despertar o sujeito para sua singularidade, para o protagonismo da construção do conhecimento e, nem tão pouco, com sua respectiva formação humana integral. Docentes e discentes estão imersos no mundo moderno, cujas marcas são a individualização, a instrumentalização da linguagem, o egotismo, a exacerbada satisfação pelos seus progressos materiais, a subjetivação das capacidades individuais e a ausência de sentido de humanidade. A ressonância de uma investigação acerca da formação humana pleiteia proporcionar ao sujeito a apropriação de sua singularidade, a qual só é possível na teia da relação: “Eu só existo na medida em que digo Tu ao outro, aceitando-o irrestritamente em sua alteridade, com a totalidade do meu ser” (ZUBEN, 1977, p. 7).

Num processo de formação que respeite à dignidade humana, a cultura é responsável pela transmissão do conhecimento comum e pela própria formação da pessoa. A modernidade está mergulhada num tipo de cultura que instaura o sujeito num mundo individualista ou coletivista onde o mesmo ou se torna uma ilha, ou uma massa amorfa. Imersa no bojo das concepções legada pela modernidade, a educação perdeu seu caráter natural encontrada na Paidéia Grega - tempo antigo como ponto norteador de se pensar uma gênese de uma educação ou tipo educacional (Cf. FREITAG, 2001, p. 18-19). Deixou de lado seu papel no processo de potencialização do sujeito para conferir legitimidade a um paradigma educacional capitalista onde às relações humanas são descartáveis, hierárquicas. A cultura contemporânea não está preocupada em desenvolver transformações significativas nas relações humanas nem promover o protagonismo do sujeito; ela reduz o âmbito educativo a relações formais de ensino-aprendizado e, estas, na maioria das vezes, são descomprometidas entre conhecimento e vida; a efetivação da transformação do sujeito e seu desenvolvimento pleno não acontecem. Os aspectos sobrepostos à prática educativa moderna são determinantes para a assimetria que se instaura entre o homem e a sensibilidade: consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Diante das circunstâncias apresentadas evidencia-se que se busca a formação humana, mas não se sabe como efetivá-la. Perdido pela ausência de sentido no ato educativo, transforma-se a educação profissional como sinônimo autêntico de formação humana: a educação passou a ser sinônimo de escola e o

processo escolarizante apresenta-se como formador, limitando o humano e sua própria formação quando tornou um espaço físico como suficientemente e exclusivamente capaz de assumir a formação humana.

Além disso, não se sabe mais o que pode ser liberdade e devido à falta de limites e ausência de valores, não se reconhece os deveres, nem tão pouco respeito. Certamente este texto com viés filosófico-pedagógico não pretende ser uma resposta totalizante e nem tão pouco a solução para questões morais das quais a sociedade se sente escassa, no entanto, pode ser mais uma fonte para fornecer vias de reflexões que por sua vez, possibilite diante das inquietações morais, dar uma leitura e contribuições a partir da própria experiência vivenciada quer seja como eternos aprendizes ou mesmo perene educadores da relação intrínseca, mas não totalizante, entre educação profissional e formação humana.

Pensa-se que se os indivíduos, através de um processo reflexivo, forem despertados para tal prática, ou seja, de refletirem a si, e suas relações como o processo envolvente e relacional que é a formação humana, os mesmos serão capazes de compartilhar espaços, respeitar as diferenças, preservar o meio ambiente e, por conseguinte, viver uma ação sociopolítica integral, o que compreendemos como a aquisição da identidade ética. Isso será uma consequência da formação humana na educação profissional; não um discurso ou mesmo mais uma incumbência da educação profissional no processo de formação humana.

Sabe-se que atualmente a vida insere-se num campo de realidade multidimensional e permeada por valores éticos e morais distintos. Daí, a real necessidade de pensar categorias que são pertinentes no cenário social e profissional como a liberdade, o dever, o respeito e a espiritualidade, isto é, o sentido de atuar na construção do sentimento de atuação (profissionalmente concebendo). No entanto, a proposta para construção do sujeito moral, e consequentemente, humana, não se encontra engessada, isto é, sobre o crivo de uma determinada ética ou moralidade, compreendida pelas classes dominantes como universal. A universalidade de tal moral que pleitea-se encontra-se imbricada numa consciência autônoma e esclarecida que compreende todas as dimensões do mundo humano como parte integrante e integradora de sua própria construção enquanto sujeito histórico.

Acredita-se que tal reflexão caracterize-se como uma ousadia para a realidade e os desafios que a mesma enfrenta, com as cobranças realizadas pelo mundo globalizado (e nesse a informatização com todos os seus anexos, onde o encontro, a intersubjetividade é posto em segundo plano permeado e maquiado pelo discurso da interação e da conectividade). Enraizado neste contexto histórico, o sistema filosófico-pedagógico tende a conduzir a “formação” dos

sujeitos históricos, de uma forma geral, em seus ofícios profissionais configurando uma prática educativa um tanto superficial, visto as prioridades que são dadas e justificadas. Tais prioridades, na maioria das vezes, não estão intimamente relacionadas com um ensinamento capaz de fazer surgir às práticas existenciais do humano que irá conduzi-lo a uma identidade moralmente sólida.

As questões sobre a formação humana assumem um lugar central no que se refere ao debate educativo, principalmente quando são elucidadas por teóricos como Buber (na sua ênfase de dialogicidade) ou mesmo Immanuel Kant quando aponta o homem como fim em si mesmo num momento de reconhecimento axiológico da humanidade. Torna-se inevitável apontar o processo de formação humana sem mencionar a presença e significado que possui a educação nesse processo. Afinal, a reflexão crítica e a problematização sobre a educação foi, no decorrer da história, evidenciada com suas diversas teorias no âmbito sociológico e filosófico, ambos sempre tentando imprimir na educação uma conotação política, social e espiritual. Martin Buber, por exemplo, com sua filosofia do diálogo tornou-se figura célebre nesta discussão educativa. Ele teve uma importante contribuição no tocante à educação ao percebê-la e tematizá-la em vista de uma formação humana a qual proporcionava ao homem, a efetivação de sua autenticidade. Portanto, “a filosofia de Martin Buber indica o caminho segundo o qual compreendemos e delineamos a possibilidade de um processo formativo que nos conduza à plenitude da existência, por nos levar ao encontro com o outro” (SANTIAGO, 2002, p. 80).

Logo, urge um singular questionamento à educação: que tipo de ser humano se quer formar? Para Koninck (2007, p. 43) “a educação deve ampliar o horizonte e levar o interesse para além do imediato, do limitado e do enclausurado”. Percebe-se, pois o desafio no próprio curso histórico para atender tal aspiração. A cultura moderna, por exemplo, não sabe mais o porquê e o para que educar. Ela não pergunta mais pelo propósito e nem pela finalidade da educação, devido à incapacidade de enxergar o ser humano como fim em si mesmo. Em Kant o princípio é o fundamento como base e investigação da importância que possui em si mesmo na ação e postura a ser assumida (KANT, 2009, p. 125). Por ele se obtêm a ação desconsiderando todos os demais elementos que poderiam assumir a condição de fim, sendo cada qual somente meio. O princípio é a fundamentação que determina o fim e não a razão para que outras causas possam existir como fim, caso contrário, não seria fim em si mesmo, mas seria outro meio apresentado como finalidade da atividade, ou seja, uma pseudoteleologia. No estudo do princípio, deve-se reconhecer o papel da liberdade, do dever e do respeito. Podem-se conceber tais elementos como fundamentais, sobretudo, no contexto hodierno social, enquanto elementos básicos de formação humana.

A educação vislumbrada como formação humana pressupõe que ao se educar, a pessoa se guie por princípios norteadores caracterizados pelo necessário respeito ao outro e pela capacidade de construir relações recíprocas. Portanto, é nesse sentido que a educação entendida como formação humana se distancia de um modelo educativo, eminentemente, preocupado com questões instrumentalizadoras. Formar consiste na configuração de uma adequada estrutura interior, ou seja, em alcançar uma personalidade madura e plenamente desenvolvida. Em última instância, a educação consiste em um processo integral que aglutina corpo, alma e espírito. Observando a dimensão espiritual também alvo de atenção do projeto em voga, Röhr chama atenção para não restringir a mesma com o plano puramente religioso. Considerando a dimensão espiritual no processo de formação humana, observa-se o seguinte:

“Não se confunde essa dimensão com a religiosa, que em parte pode incluir a espiritual, mas que contém algumas características como as de revelação como intervenção direta de Deus e de certo tipo de organização social que dessa forma são estranhas ou não necessárias à dimensão espiritual. Podemos nos aproximar da dimensão espiritual identificando uma insuficiência das outras dimensões em relação ao homem nas suas possibilidades humanas” (PELIZZOLLI (org.), 2010, p. 220).

A formação, portanto, dá-se no reconhecimento da transcendência inerente ao modo de ser humano, que é capaz de ser para além do dado instituído e assumir a dimensão de transcendência na práxis existencial. De acordo com Buber:

“o homem não é uma coisa entre coisas. Ele não é um simples Ele ou Ela limitados por outros Eles ou Elas. Ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível. Ele é Tu sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte. Isso não significa que nada mais existe a não ser ele, mas que tudo o mais vive em sua luz” (BUBER, 2004, p.57).

Portanto, frente à redução que é feita do sentido mesmo da educação legada pelos gregos e postulada pelo verbo latino *educare*, Martin Buber propõe uma relação educativa centrada em sua fé no ser humano e imbricada em sua noção de diálogo genuíno. Embora Kant não adentre pelos caminhos teóricos apontados por Buber, também reconhece a necessidade de acreditar no humano, sobretudo, no seu processo educativo e pedagógico desde cedo. Para Kant (1996, p. 15), “o homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”. A educação passa a ser então, meio para a existência tanto da formação como da socialização deste homem. Kant aborda educação como processo, retrata a perspectiva de uma intenção. Ao trazer a imediatez do processo refere-se ao espaço e ao tempo. Os costumes que se adquirem, sobretudo, através da experiência sensível tiram, de forma

inconsciente, a liberdade e a independência. “Quanto mais costumes tem um homem, tanto menos é livre e independente” (Kant, 1996, p. 51).

3. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO HUMANA: REFLEXÃO PRELIMINAR

O processo de formação humana que priorize dever, liberdade e respeito não acontece de modo isolado, mas através das relações humanas. A educação profissional pode ser um lugar privilegiado onde tais relações existem enquanto possibilidades. Assim, inevitavelmente os deveres para consigo mesmo lança os deveres para com os demais. Kant, por exemplo, aponta que tais deveres devem ser inculcados nas crianças, ou seja, demonstrados a elas, recomendados a elas. Daí, a necessidade de haver uma coerência entre o pensamento e a ação no processo de ensino-aprendizagem para que se perceba o valor e a autenticidade que permeia tal processo. Para Kant (1996, p. 96), “deve-se inculcar desde cedo nas crianças o respeito e atenção aos direitos humanos e procurar assiduamente que os ponha em prática”. O filósofo chama atenção que atitudes e sentimentos como generosidade devem ser estimulados pelos educadores desde muito cedo, mesmo quando a criança se quer entenda o valor de sua ação, para que haja desde já um conhecimento da ação. Atitudes desta natureza auxiliam o desenvolvimento, mesmo que cronológico do indivíduo, para o reconhecimento da humanidade enquanto princípio a se tornar cada vez mais presente dia após dia.

A importância da clareza e transparência na atividade de educar tende a suprimir a falsidade, o ilusionismo, a mentira. Estes elementos, trazem para a educação um caráter sólido da mesma. Recordar-se que a educação do caráter perpassa por uma educação de princípios e inicialmente por uma boa conduta civil. Atento aos fundamentos de uma educação que visa caráter, há implicações nas ações humanas a serem observadas, por exemplo, tomar atitudes, cumpri-las rigorosamente e testemunhá-las a outros é demonstrar, antes de tudo, confiança em si mesmo, conservar a dignidade interior estabelecendo deveres para consigo mesmo e conseqüentemente para os demais.

Percebe-se, pois, que princípios e até mesmo sentimentos humanos se fazem fundamento caracterizador da educação profissional. Esta não pode dissociar-se da amplitude do que é a formação humana. Deve-se pensar numa relação intrínseca; não numa invasão de uma para com a outra. De igual maneira, é fundamental o esclarecimento das educações para a compreensão de uma formação humana que seja, autêntica, e, de fato, integral.

4. REFERÊNCIAS

1. BUBER, Martin. **EU e TU**. Trad. e introd. de Newton Aquiles Von Zuben. 9 ed. São Paulo: Centauro, 2004.
2. FREITAIG, Bárbara. **O indivíduo em formação**. 3 ed. Coleção questões de nossa época. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
3. KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1996.
4. _____. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editoria: Barcarolla, 2009.
5. KONINCK, Thomas de. **Filosofia da Educação: ensaio sobre o devir humano**. São Paulo: Paulus, 2007.
6. MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessário para a educação do futuro**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
7. NEVES, Paulo S. C. (org). **Educação, cidadania: questões contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2009.
8. PELIZZOLI, Marcelo. **Cultura de Paz: restauração e direitos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.
9. RÖHR, Ferdinand (org.). **Diálogos em educação e espiritualidade**. Recife: Ed. Univesitária da UFPE, 2010.
10. _____. **A multidimensionalidade na formação do educador**. *In: Revista de Educação AEC*, n. 110, jan/mar, 1990.
11. _____. **Ética pedagógica na educação espiritual: um estudo comparativo**. *In: Caderno de Filosofia*. Recife, n. 4, p. 5-45, 2002.
12. SANTIAGO, M Betânia do Nascimento. **Ética, educação e transcendência: compreendendo a formação humana na visão de Martin Buber**. *In: caderno de Filosofia*. Recife, n. 4, p. 47-90, 2002.
13. ZUBEN, Newton Von. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo**. São Paulo: EDUSC, 2003.